



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DLI
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

EDLA IRINEIA SANTOS

**VARIAÇÕES FONÉTICAS: MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS
DE ALUNOS DO 6º E 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Itabaiana–SE

2018

EDLA IRINEIA SANTOS

**VARIAÇÕES FONÉTICAS: MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS
DE ALUNOS DO 6º E 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TCC apresentado ao curso de Letras Português, do Departamento de Letras – DLI, do *Campus* Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira.

Itabaiana–SE

2018

EDLA IRINEIA SANTOS

**VARIAÇÕES FONÉTICAS: MARCAS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS
DE ALUNOS DO 6º E 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovado em: 16/04/2018.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para exame de defesa no curso de Licenciatura em Letras Português, à seguinte banca examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Derli Machado de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a. Me. Daisy Mara Moreira de Oliveira
Universidade Federal de Sergipe

Itabaiana–SE

2018

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por sempre ter me dado forças para alcançar meus objetivos; à minha família, que sempre esteve comigo, e aos meus mentores, por sempre me orientarem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me proporcionar mais essa vitória em minha vida, por sempre me guiar e não me deixar desanimar diante dos grandes obstáculos que surgiram durante essa longa caminhada.

Agradeço também aos colegas de classe, que, por muitas vezes, me ajudaram a solucionar muitos problemas que surgiram diante dessa jornada acadêmica.

Aos familiares, por acreditarem que sempre fui capaz e que um dia chegaria onde cheguei.

E aos mestres, por sempre nos incentivarem, nos passarem seus conhecimentos da forma mais sábia... A todos vocês, o meu muito obrigada!

Gratidão sempre a ti, Senhor, por me fazer mais forte a cada dia diante de todas as
provações da vida!

“Manifestações da língua oral e escrita são manifestações da língua, então, para se entender a língua na sua totalidade, precisa-se estudar o oral também e não só o escrito. Existe um contínuo entre a língua falada e a escrita, que vai de um nível menos formal até o mais formal. Não se pode dizer que a língua escrita é formal e a falada é informal.”

(Leonor Fávero)

RESUMO

A língua falada e a escrita são meios de comunicação muito importantes em meio à sociedade; sabemos que a linguagem oral é adquirida no nosso convívio com a comunidade em que nascemos e que está relacionada de forma direta ao contexto sociocultural em que a pessoa está inserida; já a escrita, por sua vez, é inserida na nossa vida a partir do momento em que iniciamos a vida escolar e passamos a ter conhecimento da norma culta. A oralidade diferencia-se muito da escrita, pois traz várias características próprias na sua reprodução. A presente pesquisa foi embasada teoricamente em: Antunes (2003), Bagno (1999; 2007), Bortoni-Ricardo (2004), Cagliari (1996), Marcuschi (2005), Labov (2008), entre outros teóricos que explanam sobre aspectos como oralidade e escrita, variações linguísticas e questões sociolinguísticas. Partindo desse pressuposto de linguagem falada e sua influência sobre a escrita, o objetivo principal deste trabalho é analisar textos escritos de alunos do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental de uma escola situada na zona rural de Itabaiana SE. Como processo metodológico colhemos dados por meio de narrativas, com tema proposto pelo próprio professor da classe, para buscar ocorrências fonéticas e principais marcas da oralidade presentes nos textos desses discentes. Notamos que fica evidente que alguns dos alunos ainda não conseguem diferenciar a linguagem oral da escrita, principalmente na turma do 6º ano, por se tratar de uma turma com crianças com menos idade, deixando o professor com a responsabilidade de trabalhar algumas atividades que possam melhorar e tentar fazer com que os alunos entendam a diferenciação dessas duas linguagens, não deixando que os estudantes entendam que sua linguagem oral não é correta.

Palavras-chave: Linguagem oral e escrita. Marcas de oralidade. Ocorrências fonéticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 Fala e escrita.....	14
1.2 Diferenças entre fala e escrita.....	17
1.3 A importância da sociolinguística na escola.....	19
2. METODOLOGIA	22
3. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

A variação linguística no nosso país faz parte do nosso dia, embora muitas pessoas entendam isso como “erros” e não como formas diferentes de falar que muitas vezes estão encaixadas no preconceito linguístico, encaixando-se nas variantes de menos prestígio (social e econômico). Além dessa modalidade de língua, temos também a escrita, que requer um pouco mais de cuidado ao ser reproduzida e se adequar às situações. Isso é importante porque, de acordo com Bagno (2007, p. 61): “Se a língua é entendida como um sistema de sons e significados que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, toda e qualquer organização linguística cumpre essa função plenamente”.

Profissionais da educação cada dia mais se preocupam com o fato de trabalhar língua e fala em sala de aula, estamos falando da variação linguística no contexto do ensino. Apesar de não ser apresentado no contexto estudantil de forma coerente, esse tema mostra algumas evidências e um certo progresso em sala. Através dos métodos tradicionais de ensino de Língua Portuguesa, podemos observar que há uma tendência em tratar de escrita e oralidade no dia a dia sem que haja a preocupação com a qualidade das produções de início.

As ocorrências espontâneas da oralidade podem interferir no ensino da língua materna de forma direta, pois as pessoas nesse nível de escolaridade escrevem geralmente da forma que falam e leem. De acordo com Cagliari (1993, p. 31), o discente, quando escreve “disi”, não está cometendo erros por se distrair no momento da escrita ou por simplesmente escrever errado; por outro lado, é possível notar que a criança está escrevendo quase de forma fonética a palavra, já que na pronúncia não se ouve o som da vogal “e”, mas sim o som da vogal “i”. Diante de sua língua materna e da forma como ouve o som das palavras, podemos também dizer que a criança fez a transcrição fonética da palavra. Cagliari (1993, p. 31) afirma sobre essa aquisição da linguagem:

Se o aluno passar pela escola fazendo esse jogo de pular da fala para a escrita sem saber o que pertence a fala e o que pertence a escrita e por que as coisas são como são, ele terá dificuldades imensas em seguir seus estudos de português, por que o absurdo está presente a todo momento.

Esse problema é muito mais recorrente em sala de aula do que imaginamos, muitas vezes, não apenas no Ensino Fundamental, os alunos sentem essa dificuldade em transpor a linguagem que aprenderam para a escrita. A oralidade é muito utilizada por nós, muito mais que a escrita, por isso podemos ver a interferência dessa língua no momento da escrita, principalmente para as pessoas que estão começando agora no processo de aprendizagem.

Sabemos que a fala vem bem antes da escrita, por isso, ao ter o primeiro contato com a escola, a criança já é dona de habilidades com a linguagem oral, trazendo muitas marcas da fala em sua escrita. As dificuldades na aprendizagem vêm sendo um assunto bastante discutido e preocupante tanto na sala de aula como fora dela, suas causas podem estar relacionadas a fatores externos ou internos. Quanto à aquisição da língua, segundo Schere (2005, p. 140), tem-se que:

Repito mais uma vez: o domínio da língua materna — entendida como primeira língua — é natural. Não requer ensino. O domínio das gramáticas normativas, de segundas línguas, de línguas estrangeiras, de processos de leitura e de processos de escrita, este, sim, é adquirido. E para ser adequadamente adquirido requer exercício eficiente e exercício exaustivo. Aprende-se a escrever, escrevendo; escrevendo textos que façam sentido, textos de múltiplos sentidos. Aprende-se a ler, lendo; lendo textos que também façam sentido, que provoquem prazer.

Para que haja bons resultados na aprendizagem dos alunos, principalmente nos passos iniciais, a participação da família de forma ativa, como a do professor e principalmente do aluno, que é o nosso principal alvo, deve ser intensa, devendo, inclusive, ser formada uma “equipe” para que se auto ajudem nesse processo de fala e escrita. Quando falamos de escrita, principalmente no Ensino Fundamental, temos o pensamento de que muitos alunos estarão com o domínio da escrita e da leitura, mas, a partir da observação desses alunos e da interação com eles através de textos, percebemos que a realidade é outra.

Assim, este trabalho tem como objetivo mostrar a influência da linguagem oral na escrita através de textos de alunos de duas séries distintas do Ensino Fundamental, os quais, mais adiante, serão utilizados como fonte de pesquisa para o presente trabalho. A escolha do tema partiu da experiência de vivência no estágio,

por vermos que alguns alunos sentiam certas dificuldades na escrita, então, partindo dessa ideia, decidimos trabalhar numa outra escola, situada no mesmo município, Itabaiana SE, só que na zona rural, onde observamos o 6º e 7º anos do Ensino Fundamental dessa determinada escola. Através desta pesquisa, será analisada a importância das várias marcas de oralidade e das variações linguísticas presentes nos textos, destacando também a importância desse estudo da escrita junto à fala.

Perceber as dificuldades dos alunos e começar a trabalhar de acordo com elas seria uma boa iniciativa para o longo processo de aprendizagem da escrita. Através das análises, é notável o grande número de alunos que tem marcas de oralidade na escrita, já que eles costumam escrever da forma que falam.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as várias marcas de oralidade presentes nos textos de alunos de duas séries distintas, o 6º e 7º anos do Ensino Fundamental de um a escola de zona rural situada no município de Itabaiana- Sergipe, mostrando a influência da linguagem oral na escrita, e analisar foneticamente essas passagens.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo com duas turmas para tratar dessa problemática e colher informações através de um tema proposto pelo professor, então os alunos tinham como atividade produzir um texto narrativo sobre o assunto que lhes foi dado, para que a partir da coleta seja iniciada a pesquisa. Foram colhidos 18 textos do 6º ano e 10 textos do 7º ano. O trabalho está dividido em fundamentação teórica, a partir de alguns teóricos que falam sobre a sociolinguística e as variantes desenvolvi a pesquisa a seguir, será trabalhada também a fala e a escrita, diferença entre fala e escrita e a importância da sociolinguística em sala de aula, metodologia; como foi elaborado a pesquisa, a análise do corpus, as considerações finais, e por fim os textos anexados. Foram colhidos 18 textos do 6º ano e 10 textos do 7º ano, no anexo estão expostos 3 textos de cada ano com a permissão do professor.

No que concerne à presente pesquisa, ela foi embasada teoricamente em: Antunes (2003), Bagno (1999; 2007), Bortoni-Ricardo (2004), Cagliari (1996), Marcuschi (2005), Labov (2008), entre outros teóricos que tratam de aspectos como oralidade e escrita, variações linguísticas e questões sociolinguísticas. A partir dos embasamentos teóricos presentes no trabalho, buscaremos observar a ocorrência de fenômenos linguísticos na escrita de alunos do Ensino Fundamental

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A língua escrita tem um papel de suma importância na nossa história, apesar de ter surgido vários anos após a língua falada. Isso porque a nossa oralidade é a nossa língua natural, que se adquire por meio da sociedade em que vivemos. Por outro lado, a língua escrita conserva um patrimônio de um povo, pois a linguagem escrita arquiva/conserva o patrimônio científico, cultural e intelectual de um povo. A língua pode ser um fator de suma importância no reconhecimento de grupos, como também pode ser utilizada para demarcar diferenças de cunho social em meio a uma comunidade. Conforme Bagno (2007), a sociolinguística afirma que onde existe variação linguística haverá sempre uma avaliação social por parte dos falantes da “norma culta”, pois vivemos em uma sociedade onde imperam os valores culturais, portanto, de uma forma ou de outra, estarão inseridos no contexto de escalas hierárquicas. Conforme Mollica (2015, p. 9).

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

Serve, assim, para denominar o que aprendemos na nossa comunidade de fala e o que a escola nos ensina, que seria a norma culta. Na Língua Portuguesa do Brasil, temos um leque de variedades dialetais que podemos denominar variações linguísticas. Existem as diferenças regionais, por idade, gênero, entre outras, e, a partir dessas diferenças entre fala e sociedade em que vivemos, é que surgem os preconceitos sobre essas comunidades diferentes de fala.

O surgimento da sociolinguística se deu na década de 60, quando muitos cientistas se deram conta de que não era mais possível estudar a língua sem que se estudasse a sociedade em que ela é falada. Wiliam Labov se tornou o nome mais conhecido na área da sociolinguística, pelo fato de impulsionar esses estudos. Labov relata que as mudanças na língua ocorrem, principalmente, pelo meio social em que o falante vive, ou seja, a comunidade em que esse indivíduo vive propõe essas mudanças na sua fala, vejamos abaixo a fala de Labov (2008, p. 21),

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou,

dizendo de outro modo, pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Diante do exposto, vamos tratar na presente pesquisa sobre variações linguísticas e marcas de oralidade em textos escritos.

Partimos do pressuposto de que a língua é heterogênea, ou seja, somos um país que possui várias variedades dialetais, uma vez que temos diferentes modos de falar: por origem geográfica, a língua varia de um lugar para outro; status socioeconômico, pessoas que estão inseridas num contexto social com um nível de renda mais baixo, representando, assim, a desigualdade social, principalmente pela questão da inclusão digital, considerando-se que nosso país tem uma distribuição de renda muito desigual.

Portanto, podemos observar que essas pessoas não falam da mesma forma das que têm um nível de renda médio ou muito alto; grau de escolarização – o acesso a escolas comuns, os anos de escolarização, a educação mais formal, a prática de leitura e bons materiais para o aprendizado dessas pessoas; idade – o falar dos adolescentes não é igual ao de pessoas com mais idade e vice-versa, tudo isso influencia no repertório sociolinguístico; sexo – homens e mulheres fazem usos diferentes da língua dependendo do local em que estejam; mercado de trabalho – dependendo da profissão em que esses falantes estejam inseridos, terão de ter uma boa oralidade e uma boa escrita, por exemplo, um advogado que precisa ter uma boa oralidade para se apresentar perante um juiz; redes sociais – nelas há abreviações e palavras que ganham outros significados. Afirma ainda Bortoni-Ricardo (2004, p. 75),

Na sala de aula como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo que na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Em um ou outro caso, porém, sempre haverá variação de linguagem nos domínios sociais. O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. [...] no domínio do lar ou nas atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todo lugar tem variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística.

Assim, a variação linguística subdivide-se e ocorre em todos os níveis da língua. Temos a variação fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical e estilístico-pragmática. Na pesquisa apresentada, será trabalhada a variação fonético-fonológica, que consiste em explicar os fenômenos fonológicos da língua, bem como a forma como se fala e que é escrita. De acordo com Bakhtin (2006), a língua dura e perdura num constante processo de mudanças. Logo, os falantes não recebem a língua pronta, eles precisam passar por um processo evolutivo de aprendizado, para que, através desse processo, sua consciência comece a operar e a produzir.

1.1 FALA E ESCRITA

A Linguística foi a grande responsável por introduzir e atribuir à língua falada a importância que sempre foi negada durante a época de poder da gramática tradicional; sabemos que a língua falada é nossa língua mãe, nossa língua natural, ou seja, a língua que aprendemos com nossos avós, pais, tios, etc. Mas a importância dela não estava sendo muito bem vista. Sabemos do papel importante que ela estabelece na língua, pois a fala guarda tesouros que podem ser encontrados, por exemplo, em alguns grupos com mais idade, como no caso de palavras muito antigas conservadas ao longo do século. Mas, em contrapartida, sabemos que ela, a fala, sempre será secundária, visto que a língua escrita tem o papel importantíssimo de conservar materiais histórico, científico intelectual, passando essas informações de uma geração para a outra.

Podemos dizer, então, que a escrita “é tida como um bem cultural relevante e inerente a uma vida cidadã, cabendo à escola um papel significativo e prioritário na formação do seu manejo competente por parte dos alunos” (MARCUSCHI; CAVALCANTE, 2005, p. 239). Assim, a escola é a chave que abre o mundo para o aprendizado do ler e escrever na norma culta, que, para muitos na nossa sociedade, é o falar/escrever de forma correta, sem se darem conta de que isso se trata de variações linguísticas presentes na nossa língua materna. O ser humano como ser social necessita interagir socialmente para poder sobreviver no meio em que vive; para isso, ele se utiliza da linguagem falada e escrita, essa última mais “prestigiada”. Sabemos que essas duas formas de comunicação têm estruturas bem diferenciadas, apesar de as suas servirem para a comunicação entre os membros de uma determinada comunidade. De acordo com Antunes (2003, p. 60),

A maturidade na atividade de escrever textos adequados e relevantes “é uma conquista inteiramente possível a todos – mas é ‘uma conquista’, ‘uma aquisição’, isto é, não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência.” E mais “Supõe orientação, vontade, determinação, exercícios, prática, tentativas (com rasuras, inclusive!), aprendizagem”.

Ao chegar à escola, o aluno já domina a fala que vem do seu âmbito familiar, pois sabemos que a língua falada serve de modelo para a escrita. Logo, cabe à escola desenvolver atividades para que o aluno desenvolva sua escrita, utilizando as várias situações do dia a dia e valorizando todas as variedades do uso da nossa língua na prática da escrita.

Segundo Koch (1992, p. 69),

[...] ao contrário do que acontece com o texto escrito, em que o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer um rascunho, proceder a revisões, “copidescagem” etc., o texto falado emerge no próprio momento da interação: ele é o seu próprio rascunho.

O aluno deve ser orientado que a língua escrita requer muito mais regras que a falada, os professores devem exercer atividades que levem os alunos a observar e respeitar as diferentes variações existentes no nosso dialeto, e assim começar a observar e diferenciar a forma escrita da falada. Quanto mais o aluno exercita a leitura e a escrita, mais ele conseguirá escrever de forma culta, a qual para muitos seria a “forma correta”, e começará a entender que existem várias variantes que levam à nossa fonte de pesquisa, isto é, as marcas de oralidade. Acerca da importância da escola no ensino de linguagem, Bortoni-Ricardo (2004, p. 75) afirma:

Todo falante dispõe de suficiente competência linguística em sua língua materna para produzir sentenças bem formadas e comunicar-se com eficiência. Ao chegar à escola, portanto, todos os alunos brasileiros que têm o português como língua materna já são competentes em língua portuguesa [...] mas têm de ampliar a gama de seus recursos comunicativos para poder atender às convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa, a cada tipo de interação.

Esse atraso no desenvolvimento da escrita no nível de ensino fundamental é muito notório, algo que precisa ser observado para que possamos tentar solucionar parte dos problemas. Compreendemos que a linguagem escrita é no mundo de hoje a forma de o sujeito passar a adquirir seu conhecimento e organizar a vida, seja no trabalho, na rua, em casa.

A partir desse ponto é que trataremos das variações fonéticas no texto escrito. O processo de aprendizagem da escrita requer muito mais atenção e

preparação por parte do professor, pois existem várias formas de variações presentes numa classe de alunos, cabendo ao professor tentar minimizar as dificuldades, por exemplo, exercitando a leitura e a escrita juntamente com a sua turma.

De acordo com Scherre (2005, p. 16-17), quando falamos em “certo” ou “errado” sobre fala e escrita:

No dia-a-dia, por razões diversas, convivemos com estas noções como se fossem valores absolutos, portadores de verdades inerentes e, até, imutáveis. Esse sentimento toma uma dimensão fora do comum quando se trata de questões que envolvem a linguagem. De forma geral, as pessoas creem que há uma língua estruturalmente mais certa do que outra, que há um dialeto mais certo do que outro ou que há uma variedade mais certa do que outra, e poucos percebem que as formas consideradas certas e/ou de prestígio são as que pertencem à língua, aos dialetos ou às variedades das pessoas ou grupos que detêm o poder econômico ou cultural. Mesmo pessoas que analisam de forma objetiva os fenômenos linguísticos frequentemente emitem enunciados que revelam esse tipo de crença. Uma das consequências dessa crença se reflete no preconceito linguístico, que estigmatiza direta ou indiretamente as pessoas que não dominam formas linguísticas consideradas certas por uma dada comunidade.

Podemos notar o preconceito linguístico presente em nossa sociedade, já que não se aceitam as diferentes formas linguísticas, assim estamos evidenciando aqui as variações. A fala é caracterizada por muitos fatores, entre os quais temos a classe social, a escolarização, o poder aquisitivo, a faixa etária, as etnias, etc. As variações linguísticas, por sua vez, dividem-se em cinco partes: temos a variação diatópica, caracterizada pelo modo de falar de lugares diferentes; a variação diastrática, que considera o modo de falar das diferentes classes sociais; a variação diamésica, que compara a língua falada e a escrita; a variação diafásica, caracterizada pelo monitoramento do falante e se utiliza de formas diferentes de acordo com o local em que se encontra; e, por fim, a variação diacrônica, caracterizada pela mudança histórica da língua.

É sempre dado prestígio aos grupos que usam “bem” a língua, como as pessoas de classes sociais mais elevadas, o que por vezes leva ao preconceito linguístico, que não deixa de ser a falta de informação sobre as diferentes formas de se apresentar a língua, deixando para trás as pessoas que não dominam o mesmo grau de instrução na norma culta. É de grande importância lembrar que a língua que

aprendemos primeiro, a falada, é adquirida com a sociedade em que vivemos; a partir do ingresso na escola, por sua vez, aprende-se a gramática normativa, havendo, sim, uma certa dificuldade na aquisição, pois cada falante possui seu dialeto provindo da comunidade à qual pertence.

Podemos observar também as variantes presentes na linguagem falada das pessoas de uma determinada região, o que nada mais é que seu próprio vocabulário, já que cada lugar/comunidade desenvolve seu próprio jeito de se comunicar oralmente. Não podemos caracterizar esses acontecimentos como mudanças na linguagem desse povo, mas sim com dialetos presentes no âmbito em que estão inseridas essas pessoas. Faraco (2005, p. 23) afirma o seguinte:

Deve ficar claro, por ora, que não é qualquer diferença de fala entre gerações ou entre grupos socioeconômicos que pode estar indicando mudança. Muitas dessas diferenças são apenas variantes características da fala de cada grupo e nada têm a ver, em princípio, com mudança.

Levando em consideração que a língua está sempre em constante mudança, podemos ressaltar que essas mudanças não são notadas tão facilmente, elas aparecem de início como um traço característico de um pequeno grupo, sem que seja notável. A partir da aquisição por parte daquele grupo, começam a se expandir e somente depois atingem as camadas maiores, mas com as marcas de oralidade daquele primeiro grupo que foi o responsável por tal mudança, independentemente dos valores sociais do grupo a que pertencem.

1.2 DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA

A escrita é um elemento de comunicação muito importante para o processo de aprendizagem, ela exerce um papel eficaz na vida em sociedade, representando assim um elemento de fundamental relevância para a cidadania (SANTANA, 2007). É resultante de uma aprendizagem que está ligada a muitos fatores, como escolar, na relação aluno-professor, ou apoio familiar, que muitas vezes também está em falta com essas crianças. Isso porque, ao longo da vida, a escrita servirá para

oficializar algo, para a comunicação, a interação, ou mesmo para deixar registrado de forma mais segura para a sociedade.

Para Simões (2006, p. 16):

A língua falada conta com a assessoria de recursos como o gesto, a expressão facial, tom e o timbre de voz etc., os quais não são transportáveis para o escrito. A língua escrita, por sua vez, apresenta figuras não conversíveis em som (letras “mudas”, pontuação, diacríticos etc.); espaços em branco sem correspondência no texto oral, visto que a emissão oral é contínua, além de outras particularidades. Por isso a apropriação da leitura e da escrita, pela criança em especial, é um processo de alto grau de complexidade e requer do professor competência técnico-pedagógica específica, para que as dificuldades possam ser minimizadas.

A partir da afirmação de Simões, notamos a grande diferença entre o falar e o escrever no tocante às formas que envolvem essas modalidades, tornando mais difícil a compreensão da criança quanto à escrita. Na oralidade, temos, por exemplo, os gestos e as expressões faciais, podemos retomar o que foi dito, ou, apenas com uma simples expressão fácil ou gestos, podemos passar a nossa mensagem ao nosso interlocutor; já o processo escrito, por seu turno, exige regras de grafia, há a pontuação, a concordância verbal, a organização quanto a questões de introdução, desenvolvimento, conclusão, entre muitas outras regras da gramática normativa.

Sobre as diferenças recorrentes entre as duas modalidades de comunicação, afirma Faraco (2005, p. 24-25): “Para o falante comum, essa percepção pode se dar quando, tendo de escrever, sente dificuldades específicas com certas estruturas que, embora recorrentes na fala, ainda são inaceitáveis na escrita”.

A escrita não pode ser concebida como uma propriedade isenta da influência oral, o mesmo se pode dizer da fala, ambas são, de forma total, contrárias, pois partem do mesmo princípio de possibilidades de desenvolvimento, a língua. As diferenças entre essas duas modalidades da língua (oralidade e escrita) se dão em diferentes produções na forma de comunicar. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1. Diferenças entre fala e escrita.

Fala	Escrita
------	---------

Contextualizada Implícita Redundante Não-planejada Predominância de ‘modus pragmáticos’ Fragmentada Incompleta Pouco elaborada Pouca densidade formal Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas Pequena frequência de passivas Pouca nominalização Pequena densidade lexical	Descontextualizada Explícita Condensada Planejada Predominância do “modus sintático” Não fragmentada Completa Elaborada Densidade informacional Predominância de frases completas com subordinação abundante Emprego frequente de passivas Abundância de normalizações Muita densidade lexical
--	---

Fonte: Koch (2005, p. 78).

1.3 A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGÜÍSTICA NA ESCOLA

Ensinar gramática nunca foi tarefa fácil, principalmente nos dias atuais, não falando apenas sobre o ensino tradicional da gramática. Sabemos que existem dificuldades por parte do aluno e também do professor sobre as variantes linguísticas em sala de aula, e é a partir dessas dificuldades que entra a importância da sociolinguística em sala de aula. A partir do ensino da língua nessa forma de variação linguística, o professor terá de lidar com os diferentes falares e, supostamente, com a escrita desses alunos, assim a importância do ensino em sala servirá, principalmente, para diminuir a questão do preconceito linguístico, mas, para isso, o professor terá de reeducar seus saberes linguísticos, pois a inserção da sociolinguística em sala tem ganhado mais ênfase no ensino de língua materna há pouco tempo, portanto os métodos precisam ser revistos e refeitos. Bagno (2007, p. 85) fala sobre a difícil tarefa que o professor enfrenta em sala quando o assunto é ensinar língua materna:

A tarefa de reconhecer a competência linguística e comunicativa dos alunos e das alunas e, ao mesmo tempo, de ampliar e expandir essa competência é uma tarefa delicada e sofisticada, muito mais exigente do que a prática tradicional de reprimir os “erros”, de zombar dos sotaques “engraçados” e de impor a ferro e fogo uma norma-padrão fossilizada, através da decoreba infrutífera e maçante da gramática normativa e da prática da análise sintática como fim em si mesma. Por isso, talvez, essa tarefa assuste tantas pessoas.

Para trabalhar com as variações linguísticas em sala de aula, o professor deve, portanto, entender e respeitar que existem vários dialetos em uma só sala de aula, utilizando como metodologia de ensino os próprios textos dos alunos, sejam orais ou escritos, mas que não deixe de lado os ensinamentos da língua culta, pois ela também é importantíssima no processo em que os alunos se encontram, por isso o docente deve trabalhar as duas, de modo que os alunos entendam sobre suas variantes. Para que se visualize êxito nas atividades em sala, os professores devem enfatizar a produção de textos escritos e orais, para que sejam observadas as diferenças pelos próprios alunos.

Para isso, Bagno (2007 p. 73) afirma que:

Ao contrário da Gramática Tradicional, que afirma que existe apenas uma forma certa de dizer as coisas, a Linguística demonstra que todas as formas de expressão verbal têm organização gramatical, seguem regras e têm uma lógica linguística perfeitamente demonstrável. Ou seja: nada na língua é por acaso.

Não existe certo ou errado na língua, o que existe é um grande leque de variantes em que estão inseridos esses indivíduos; assim, cabe à sociedade entender que a língua falada é a primeira apresentada ao ser humano e que ela é a base que o falante utiliza para a reprodução dos seus escritos, por isso cabe ao professor, a partir do momento em que o aluno começa o contato com a grafia, trabalhar com as diferenças que existem entre essas duas modalidades. Sabemos que a oralidade é bem mais fácil de ser “elaborada”, pois praticamente já está formada, mas a escrita tem vários fatores determinantes para que seja reproduzida. Segundo Cagliari (1996, p. 83):

A escola deve respeitar os dialetos dos alunos, entendê-los e até mesmo ensinar como essas variedades da língua funcionam comparando-as entre si, entre eles deve estar incluído o próprio dialeto de prestígio, em condições de igualdade linguística.

A partir da afirmação de Cagliari, observamos que o papel da escola quanto ao ensino de língua materna e às variações linguísticas em sala é de suma importância, uma vez que cada aluno traz de sua comunidade um dialeto próprio. Nesse sentido, cabe ao mediador/professor trabalhar em cima dessas variedades dialetais e saber aproveitá-las como estudo de sala, para instigarem os alunos a refletir sobre a fala e a escrita, respeitando sempre a forma de falar de cada aluno, pois, como já foi dito antes, cada comunidade possui uma forma “diferente” de comunicação.

Como afirma Silva (1999, p. 56), ensinar uma língua ao discente é fazer com que ele desenvolva seu modo de comunicação, fazendo-o entender a competência do falante dessa língua numa situação de comunicação real e ser capacitado a desenvolver a dinâmica verbal nas relações histórico-sociais.

Como esses falantes já chegam ao espaço escolar com o domínio da fala, uma vez que ela é a primeira com que o indivíduo tem contato, os professores devem buscar desenvolver uma reorganização, uma reeducação sobre os conhecimentos de fala desses alunos, não se esquecendo da sua comunidade de fala. No entanto, não estamos falando aqui sobre “correção” da fala, a reeducação sociolinguística, que é dada a partir do que o indivíduo já carrega dentro de si sobre a língua. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos orientam sobre essa questão de “falar errado” ou “falar corretamente”, apresentando que:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, dos contextos e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido (BRASIL, 2000, p. 31-32).

Partindo da explicação sobre falar bem do PCN, podemos entender então que, para a língua, o que importa é a adequação dessa forma de uso, ou seja, a utilização da forma correta, de modo a conseguir produzir o efeito esperado.

2 METODOLOGIA

Este trabalho trata de uma pesquisa de caráter qualitativo, sendo realizada com base em pesquisa de campo, por meio de textos produzidos pelos alunos, e por pesquisas bibliográficas para poder analisar as principais dificuldades que eles apresentam. A pesquisa bibliográfica implicou seleção de muitas leituras, análises de *corpus* para a pesquisa e textos sobre o assunto do presente trabalho. As leituras foram feitas de forma contínua para que obtivéssemos informações acerca do tema escolhido e para observarmos opiniões de vários autores. Nesse contexto, a presente pesquisa tem como finalidade apresentar resultados de estudos quanto à influência da fala na escrita, destacando as marcas de oralidade encontradas e quais as ocorrências fonéticas que explicam esses fenômenos.

O tema escolhido tem como objetivo analisar a escrita de narrativas com a colaboração imprescindível das turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental de uma escola de zona rural, situada no povoado Agrovila, no município de Itabaiana, Sergipe. Foram coletas 28 textos, sendo 18 pertencentes ao 6º ano e 10 ao 7º ano.

Como instrumento de pesquisa, aplicamos uma atividade escrita/texto em duas turmas do Ensino Fundamental, e, a partir desses textos, aprofundamos os estudos quanto à escrita. A partir da análise dos dados, tentaremos entender o que dificulta o processo de aprendizagem no Ensino Fundamental dessa determinada instituição, destacando foneticamente as marcas de oralidade presentes nos textos desenvolvidos pelos alunos.

Na próxima etapa da pesquisa, observaremos quais os problemas mais recorrentes na escrita desses alunos, quais as dificuldades apontadas por eles. É importante lembrar que, no processo da escrita quanto à produção textual em sala de aula, o aluno se polícia muito mais do que na hora de se expressar oralmente, para que não ocorram “erros”. No entanto, podemos notar que, mesmo com toda essa atenção na hora da escrita, a linguagem materna, oral, ainda assim consegue influenciar no momento em que o indivíduo coloca suas ideias no papel.

A escrita é resultante de uma aprendizagem que está ligada a muitos fatores, tanto escolares, no vínculo afetivo que se cria na escola entre aluno-professor e

também com os outros membros da escola, quanto familiares, cujo apoio muitas vezes também está em falta com essas crianças.

3 ANÁLISE DO CORPUS

O objetivo da análise dos dados consiste em mostrar como a língua oral interfere na língua escrita dos alunos que produzem as narrativas espontaneamente, além de evidenciar e classificar os fenômenos foneticamente e observar e diferenciar as produções do texto oral e escrito.

Sabemos que os alunos associam a quantidade de letras das palavras à medida que os sons são transmitidos na fala, essa modalidade de escrita pode ser considerada “errada” do ponto de vista da língua que é escrita, porém podemos explicar, foneticamente, que os alunos fazem a associação entre a quantidade de sons da fala e a quantidade de letras na escrita desenvolvida, o que não é errado na explicação fonética. Explica Saussure que “O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra” (1997, p. 51).

Assim, analisaremos marcas de oralidade presentes 28 textos ao total dos alunos que compuseram a pesquisa e explicaremos foneticamente as ocorrências mais encontradas nas narrativas, ao fim da pesquisa temos 4 anexos com os textos dos alunos.

Com o propósito de estabelecer um maior debate por parte dos alunos na narrativa, o professor optou por utilizar um tema muito recorrente em sala e no dia a dia, qual seja, “A violência em Itabaiana”. Vale ressaltar que as turmas trabalhadas no presente trabalho são de área rural, onde, em geral, muitos pais não têm ou não tiveram tanto acesso à escola. Logo, como sabemos que a língua falada é adquirida muito antes da escrita, poderemos notar que muitas palavras exemplificadas a seguir são do falar regional desses alunos.

Abaixo segue um levantamento das principais ocorrências presentes nos textos escritos dos alunos:

OCORRÊNCIAS NA ESCRITA:

- A) MONOTONGAÇÃO:** fenômeno fonético em que acontece o apagamento da semivogal nos ditongos crescentes e decrescentes, um processo muito recorrente nos escritos dos alunos dessa faixa de escolaridade.

Exemplos:

6º ano	7º ano
Dexa – deixa Caminhonero – caminhoneiro Dinhero – dinheiro Robo – roubou Robar – roubar	Familha – família Robaro – roubaram Robando – roubando Robar – roubar

Fonte: A autora.

Para essa ocorrência em que a vogal /i/ está sendo neutralizada, Bortoni-Ricardo (2009) propõe que, apesar de a regra de monotongação com a semivogal /i/ estar menos avançada do que a do ditongo /ou/, isso requer muita cautela por parte do professor no âmbito escolar, principalmente em palavras que têm mais usos no dia a dia, como dinheiro, queijo, inteiro, que são os casos das ocorrências encontradas em grande número na coleta dos dados desta pesquisa.

B) EPÊNTESE: fenômeno que acontece com o acréscimo da vogal muda nas palavras.

Exemplos:

6º ano	7º ano
Abisurdo – absurdo Objeto – objeto	–

Fonte: A autora.

C) DESDOBRAMENTO OU HARMONIZAÇÃO VOCAL: consiste na sistematização da pronúncia, visto que o falante harmoniza a escrita da forma como fala.

Exemplos:

6º ano	7º ano
Viceia – vicia Nois – nós Preucura – procura	–

Fonte: A autora.

D) NASALIZAÇÃO: fenômeno que consiste em nasalizar sons orais.**Exemplos:**

6º ano	7º ano
Intabaiana – Itabaiana Indiotice – idiotice	Intabaiana – Itabaiana

Fonte: A autora.

E) ERRO DE ORTOGRAFIA 1:

Bagno (1999, p. 126) salienta que “[...] É importante notar que os ‘erros’ de ortografia são constantes: troca de J por G, de S por Z, de CH por X e assim por diante – justamente por serem casos em que é necessário fazer uma análise da relação fala escrita que ultrapassa os limites teóricos da suposta equivalência som-letra”.

Como caso mais visto nos textos, temos o exemplo do som de “s”, que pode ser grafado de várias maneiras: c, s, ss, ç, x, sc, xc. Vejamos a tabela a seguir:

6º ano	7º ano
Asalto – assalto Acabase – acabasse Assassino – assassino Eca – essa Aci – assim	Ceguro – seguro Concegue – consegue

Pesoa – pessoa Assistindo – assistindo Ceguranca – segurança Pudesse – pudesse Isso – isso Resem – recém	
---	--

Fonte: A autora.

f) ERRO DE ORTOGRAFIA 2:

Cagliari (1993, p. 65) afirma para o caso citado logo abaixo que: “Alguns alunos deixam de assinalar a letra r de certas palavras porque segundo suas pronúncias não ocorre nenhum som que eles reconheçam como pertencendo à categoria do r. Por exemplo, há alunos que escrevem acha (em vez de achar)”. A recorrência desse “erro” de grafia é muito notória nos textos observados, como afirma Cagliari, por não notarem a presença do “r” na fala, assim os alunos assinalam como ouvem a pronúncia das palavras. Segue tabela com os exemplos:

6º ano	7º ano
Faze – fazer	Encontra – encontrar
Acaba – acabar	Roba – roubar
Mata – matar	Mante – manter
Dura – durar	Corre – correr
Escuta – escutar	Acaba – acabar
Rouba – roubar	Prende – prender
Prende – prender	
Aceita – aceitar	
Acontece – acontecer	

Fonte: A autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à sala de sala, o aluno já tem como base sua língua materna, cabendo à escola oferecer o aprendizado da língua formal escrita. O estudo teve como principal objetivo analisar as ocorrências fonéticas, as marcas de oralidade em textos de alunos do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental, a partir do que evidenciamos as principais marcas presentes e as explicações dos processos fonológicos em que as palavras estavam inseridas. Observamos que, pelo fato de o tema ter sido escolhido pelo docente e por haver muito conhecimento por parte das duas turmas, os alunos desenvolveram bem as narrativas, contudo, mesmo tendo esse conhecimento, alguns alunos desconhecem as regras da ortografia e escrevem com a linguagem muito próxima da sua oralidade.

Podemos dizer que as palavras encontradas nos textos que foram descritas como marcas de oralidade realmente são muito próximas da escrita e também da transcrição fonética, assim fica evidente que os discentes não conseguem diferenciar as duas modalidades da língua (fala e escrita), não nos esquecendo dos “erros” de ortografia, muito recorrentes em ambas as turmas, principalmente na posição do “r” no infinitivo dos verbos, pois a criança, ao falar, não ouve a pronúncia do fonema “r”. Além disso, notamos mais casos de ocorrências na turma do 6º ano, por ser uma turma com idade menor e ter um número maior de alunos que a turma do 7º ano.

Como proposta para o professor que tem de lidar com essa “dificuldade” dos alunos, com relação à influência da fala na escrita, primeiramente o professor terá que ter um amplo conhecimento quanto às questões de variações linguísticas, sejam elas faladas ou escritas, assim como trabalhar com os alunos a diferenciação das normas para a escrita e para a fala e apresentar para os alunos as diferentes formas dialetais presentes numa só sociedade. Sendo assim, o discente poderá trabalhar com atividades mais elaboradas quanto à linguagem e à escrita, e será possível observar, principalmente, a comunidade em que esses alunos estão inseridos, ou seja, seu contexto social. No caso da presente pesquisa, realizamos a coleta do *corpus* numa escola de zona rural onde a escolarização dos pais muitas vezes não passou do Ensino Fundamental, e, como essas crianças já chegam à escola com a

língua falada/língua materna como sua principal forma de comunicação, é muito fácil que elas sejam influenciadas na hora da escrita e não percebiam isso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edição Loyola, 1999.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa, 2ª ed.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

_____. **Alfabetização & linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução aos estudos das histórias das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Beth; CAVALCANTE, Marianne. Atividades de escrita em livros didáticos de língua portuguesa: questões convergentes e divergentes. In: COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth (Orgs.). **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 237-260. (Coleção Linguagem e Educação).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – 5ª a 8ª séries**. Brasília: 1997.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

SANTANA, I. **A Aprendizagem da Escrita**. Estudo sobre a revisão cooperada de texto. Porto: Porto Editora, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Francisco Paulo da Silva. **A produção de texto na escola: um estudo sobre a concepção de textos do professor e procedimentos do ensino**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

Anexos



A violência em Itaboraia

Eu ainda sobre a violência em Itaboraia uma impressão porque não adianta de nada matar e roubar etc.

o fim do que a panorama mataram tal mataram fim.

uma pessoa matando outras roubando objetos o fim que rouba não ganha nada além da morte mas é mais perto.

muitos homens e até mulheres presos por matar, roubar etc.

o então de que adianta roubar e a morte roubar a vida mais rápido.

matar e ser morto por outras pessoas lad-
raes e até mesmo familiares da pessoa que
* que mataram e o então perseguindo nossas
almas

Textos 7º ano

A residência em Itallaionã
 | Itallaionã tá um grande vilarejo
 e Pai matando filha e filha matando
 Pai isso é um erro de mais isso deveria ser
 muito seguro pra que existe segurança nesse
 mundo não é grande os ladrões e a garim-
 pada e o mundo os Praleres pra que não mata
 esses ladrões devia ter muito segurança
 Os Policiais tem medo de sair de dentro de casa
 com medo das ladras que seguram e é isso
 a pessoa trabalha pra se manter pra os nega-
 leunda não tem a esse é errado de mais
 gente mais agente se pega um ladrão e mata
 é mais que não pra cadeia se agente não
 "corre o risco do nosso direito" não se acaba o
 mundo desse jeito muito violência em
 Itallaionã. os médicos se que ganho dinheiro
 se trabalha que mundo nos tá gente não
 corre atrás do nosso direito muito gente.
 | um o sagadessa no mundo de mais.

A Violência em Itaboraima 30/11/2017

Nos estamos vivendo um época muito triste, saímos de casa para trabalhar, ou final de semana passear, e não sabemos se voltamos vivos. Por que os jovens de hoje em dia, não querem trabalhar, tudo deles agora é roubar, matar, vai preso hoje amanhã já tá solto.

Se passar e olhar os jovens vai perto da pessoa perguntar o que perdeu. Não pode ficar na frente casa, que eles enxadem e roubam tudo. No começo do ano de 2016 uma garota rinha para casa amolecendo os ladrões roubaram e mataram no caminho do povoado Agrovilha.

No lugar onde moro robo e desse bandido toda hora, roubando tudo, alguns dia é de moto outros e de carro, a semana passa uns ladrões de carro enxadiram uma casa no Bom Jardim.

Roubaram na Agrovilha uns dias atrás atiraram no dono do bar, e em outro cara que estava lá ele era surdo, não ouvia os ladrões falando aí eles atiraram nas barriga.